



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

FABIANA MUSA RODRIGUES

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Brasília, Julho de 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

FABIANA MUSA RODRIGUES

Brasília, Julho de 2013

FABIANA MUSA RODRIGUES

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Tal trabalho foi realizado sob a orientação da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo.

Brasília, Julho de 2013

FABIANA MUSA RODRIGUES

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Tal trabalho foi realizado sob a orientação da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Stella Maris Bortoni Ricardo (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Ms^a. Helen Danyane Soares C. de Souza (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a minha família, amigos, professores e, principalmente, aos alunos da EJA que me motivaram na escolha do tema e paixão pela área. Agradeço a Deus por mais uma conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar esta grande oportunidade de realizar um sonho e poder me ajudar nos momentos mais difíceis da minha vida. Sem Ele, eu não passaria por esse momento.

Agradeço a minha família pelo apoio, força e compreensão durante a minha trajetória acadêmica e na construção do presente trabalho. São pessoas essenciais para o meu crescimento moral, profissional e espiritual. Não posso deixar de agradecer, especialmente, a minha avozinha Hélia pela confiança e credibilidade depositada em mim. Sempre estive ao meu lado, acreditando que um dia eu estaria aqui.

Agradeço, também, aos meus amigos por estarem ao meu lado quando eu mais precisei. Não posso deixar de citar alguns: Alba pelo seu companheirismo e amizade na universidade, Paulinho por sempre me ajudar com os trabalhos tornando-se um grande amigo, Marina pelo seu jeito extrovertido e sincero, sendo uma “amiga-irmã”; Marcelo por fazer as minhas tardes, no estágio, mais alegres com seu jeito brincalhão, Mabby que, mesmo com a distância, sempre esteve presente, Iris por se tornar uma pessoa essencial para mim, Aletícia por me orientar e apresentar duas turmas de EJA maravilhosas, Ívina por sempre estar ao meu lado aconselhando, ensinando e corrigindo meus trabalhos e Karina por fazer meus dias mais alegres com sua amizade, sinceridade e companheirismo.

Agradeço aos meus professores, por se dedicarem a esta instituição e transmitir seus conhecimentos e experiências aos alunos. À professora Vera Aparecida de Lucas Freitas (UnB), que foi minha inspiração na escolha do tema de minha monografia, com suas aulas bem planejadas e marcantes. À professora Nirce Barbosa (UnB) por me mostrar, em suas aulas, a importância da Educação de Jovens e Adultos – EJA. À professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, principalmente, pelo seu voto de confiança em me orientar.

Agradeço, também, ao senhor Manoel, que com sua paciência e bondade, me auxiliou e orientou, na minha passagem pela universidade tornando-se um grande amigo.

Muito obrigada!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPLAR – Campanha de Educação Popular

CF – Constituição Federal

CPCs – Centros Populares de Cultura

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Conclusão de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ANEXOS

Anexo A	51
Anexo B	52
Anexo C	55
Anexo D	61
Anexo E.....	67
Anexo F.....	69
Anexo G	71
Anexo H	72
Anexo I.....	72
Anexo J	73

RESUMO

RODRIGUES, Fabiana Musa. Letramento na Educação de Jovens e Adultos. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, 2013.

O presente trabalho tem como objetivo investigar se os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA estão saindo dos anos iniciais letrados, podendo assim, compreender textos lidos e/ou suas próprias produções textuais, conseguindo levar as informações para o dia a dia. Foi utilizada como base bibliográfica a teoria de alfabetização e letramento conforme exposto por Magda Soares (2010; 2011), a história da Educação de Jovens e Adultos, de Leôncio Soares (2011), e a teoria do letramento escolar, de Morais e Albuquerque (2006). A pesquisa desenvolvida foi qualitativa, e aconteceu durante a realização do Projeto 4 (prática docente/estágio), fases 1 e 2, com alunos de 4º e 5º ano do primeiro segmento de uma escola de rede pública de Planaltina – DF. Foram realizadas 30 observações no primeiro semestre de 2012 e foram ministradas 30 aulas no segundo semestre de 2012. Durante a pesquisa foi percebido que os alunos do 5º ano do ensino fundamental, possuem muitas dificuldades na leitura, interpretação/compreensão e produção de textos, sendo esses pouco trabalhados dentro da sala de aula. A maior preocupação, na maioria, dos professores de EJA é verificar se os alunos sabem apenas ler, escrever e calcular o básico, sem dar tanta importância ao contexto social.

Palavras-chave: LETRAMENTO. EJA. ALFABETIZAÇÃO. VALORIZAÇÃO

ABSTRACT

RODRIGUES, Fabiana Musa. Literacy in Youth and Adults Education. Brasília, Distrito Federal, University of Brasília, Faculty of Education. Pedagogy Course Work, Completion, 2013.

This study aims to investigate whether students of Youth and Adults Education are leaving early years of schooling in full literacy and can, therefore, comprehend texts read, and/or their own productions, getting the information their daily routine. As a bibliographic data was used the theory of literacy and initial reading instruction from Magda Soares (2010, 2011), the history of Youth and Adults Education by Leoncio Soares (2011) and the theory of school literacy from Morais and Albuquerque (2006). The qualitative research was developed, and it happened during the course of Project 4 (teaching practice / training), stages 1 and 2, with students from the 4th and 5th year from the first segment in a public school in Planaltina - DF. In the first semester of 2012 was made 30 observations and were given 30 lessons in the second semester of 2012. During the research we could realized that in the group of students from the 5th year, many of them have difficulties in reading, interpretation/comprehension and text production, and that these aspects were little worked within the classroom. The biggest concern, for most of the teacher in in majority teachers in Youth and Adults Education, is whether students know basic reading and writing, as well as basic math, without giving much importance to the social context.

Keywords: LITERACY. Youth and Adults Education. Reading Instruction. IMPORTANCE

SUMÁRIO

Apresentação	12
Memorial	13
Introdução	18
Monografia	21
Capítulo 1 – A Educação de Jovens, Adultos e Idosos nos Brasil	22
1.1 Breve Histórico	22
1.2 EJA sem preconceitos	26
Capítulo 2 – Letramento x Alfabetização	27
2.1 O que é letramento?	27
2.2 O que é Alfabetização?	30
2.2.1 Métodos de Alfabetização.....	31
2.2.2 Processo de Alfabetização.....	33
2.3 Diferença entre alfabetização e letramento	34
Capítulo 3 – Letramento na Educação de Jovens, Adultos e Idosos	34
3.1 Letramento “Escolar”: Como alfabetizar letrando?	35
3.2 O professor da EJA: O que se ensina/o que se aprende?	36
Capítulo 4 - Metodologia	38
Considerações Finais	43
Perspectivas Profissionais	45
Referências Bibliográficas	47
Anexos.....	50

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Encontra-se dividido em três partes: Memorial, Monografia e Perspectivas Profissionais.

Na primeira parte, o memorial, são retratadas a minha história e meu percurso escolar e acadêmico, com base nas minhas experiências e interesses com a educação e, em especial, a Educação de Jovens e Adultos. Nesse ponto, reflito sobre a importância de uma educação de qualidade e a valorização dessa modalidade de ensino.

A segunda parte, a monografia, tem como título “Letramento na Educação de Jovens e Adultos” e está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “A Educação de Jovens e Adultos no Brasil”, está dividido em duas partes que tratam sobre a história da EJA, mostrando seu percurso até chegar aos dias atuais, e a importância da valorização dessa modalidade. O segundo capítulo, “Letramento x Alfabetização”, está dividido em três partes: a teoria do letramento, a teoria da alfabetização e a diferença entre letramento e alfabetização. É de suma importância entender a diferença existente para facilitar a compreensão da proposta desta pesquisa. O terceiro capítulo, “Letramento na Educação de Jovens e Adultos”, é dividido em duas partes. Esse capítulo mostra como deve ser a atitude do professor para alfabetizar letrando. O quarto capítulo, “Metodologia”, trata da metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa e as análises dos resultados, identificando como ocorre o letramento na EJA com alunos de 5º ano do ensino fundamental.

A terceira parte, “Perspectivas Profissionais”, diz respeito à minha atuação profissional e aos objetivos a serem alcançados como pedagoga.

MEMORIAL

MEMORIAL

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (Paulo Freire)

Eu, Fabiana Musa Rodrigues, nasci em 30 de novembro de 1990 às 15:45 h, em Brasília. Meus pais se chamam Wilna Peruhype Musa e Luzmar Vieira Rodrigues (são divorciados). Hoje, moro em Planaltina – região administrativa do Distrito Federal. Tenho cinco irmãos, três biológicos e dois de consideração, ou seja, filhos da esposa do meu pai. Tenho dois sobrinhos, um de nove anos e um de quatro anos, filhos da minha irmã mais velha.

Fui uma criança que vivia “emburrada”; tinha mania de não deixar ninguém entrar em casa, barrava a todos no portão. Aos quatro anos, fui pela primeira vez à escola. Sempre estudei em colégio particular. Todos os dias, meu padrasto me buscava na escola (onde estudei até os meus nove anos de idade), íamos de carona, pois morávamos num bairro distante do centro da cidade (Planaltina - DF), e quando chegava a um determinado ponto eu, como sempre, fazia “birra” até ele me pegar no colo para terminarmos de chegar em casa.

Como toda criança, adorava brincadeiras de rua como: bandeirinha, queimada, bete, três cortes, vôlei, pique-pega, pique-esconde, e outros “piques” que inventávamos. Essas brincadeiras, no meu ponto de vista, são importantes para o desenvolvimento motor e social de uma criança. Não gostava de brincar com bonecas, nunca achei interessante. Adorava brincar de “mercadinho” e ser a operadora de caixa e, principalmente, brincar de escolinha e ser a professora. Pegava livros que tinha em casa e passava no quadro para os “alunos” - que era a minha irmã mais nova – copiarem, tinha todo o material (quadro negro, giz, apagador, carimbos e almofada). Fui uma criança que fazia amizade fácil mesmo sendo, até hoje, muito tímida.

Por volta dos nove anos de idade mudei de escola, onde concluí meus estudos básicos. Nessa nova escola fiz várias amizades e algumas delas perduram até hoje. Lembro que quando estava na 3ª série do ensino fundamental, a professora elaborou um projeto de história, a ser realizada em grupos, no qual, os pais iriam participar da exposição das maquetes sobre a história do Brasil (na exposição, os alunos explicavam a sua maquete). Foi um projeto bem divertido, todos participaram e mostraram interesse. Particularmente, prefiro fazer trabalhos em grupo pelo fato de aproximar mais as pessoas e a troca de experiências. Através desse projeto, pude me aproximar mais da Louise, que foi uma grande amiga durante

muitos anos. Foi nessa mesma série que descobri o interesse por decoração (painéis/murais), pois em todas as datas comemorativas, as professoras tinham que decorar a porta de sua sala de aula.

Infelizmente, na minha infância, não tive muito contato com meu pai, portanto, quem participava das festinhas da escola era meu padrasto, que foi quem me criou e quem estava bem mais próximo a mim. Entretanto, em alguns finais de semana, ia para a casa de meu pai; e em uma dessas idas, conversando com ele, fui perguntada sobre o que eu gostaria de ser quando crescesse, sem pestanejar, disse que queria ser professora. Até brincou dizendo: “Quer ser titia!”.

Nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) descobri quem eram os meus verdadeiros amigos. Foi marcante esse período, pelo fato de ter participado de várias atividades extraclasse. Tivemos o campeonato interescolar e intraescolar (onde o time de que participei foi campeão), gincana comemorativa (Dia do Estudante) e participação nas aulas de expressão corporal, onde a professora pedia nossa ajuda com as apresentações das crianças da educação infantil e das séries iniciais. Experiências únicas, onde surgiu uma paixão por coreografia/dança.

Já o ensino médio, que são os anos mais difíceis para todos os jovens que pretendem cursar o nível superior, veio a pressão para o vestibular. No primeiro ano, quase reprovei em todas as matérias. Os professores e coordenadores, já estavam descrentes em relação a mim. Minha mãe não desistiu me matriculou em uma escola de reforço/acompanhamento. Durante todo o ensino médio, mesmo ficando em recuperação em todos os bimestres, minha amada avó, sempre esteve ao meu lado, me apoiando, acreditando, dizendo que eu sou capaz.

Em 2008, prestei vestibular para pedagogia na Universidade Estadual de Goiás – UEG. Foi um presente de aniversário que Deus me deu, pois a primeira fase do vestibular foi dia 30 de novembro, meu aniversário. Fui aprovada nesse vestibular e o PAS (Programa de Avaliação Seriada) da UnB para o curso Ciências Naturais na Universidade de Brasília – UnB/Campus Planaltina, onde não fui aprovada.

Ano seguinte, fiz minha matrícula na UEG. Cursei durante um ano, um ano de muitas experiências jamais esquecidas. Fiz amizades que levarei para sempre em minha vida. Participei de vários projetos como: “Teatrura”, onde apresentamos uma peça teatral para os idosos (esses idosos fazem parte do projeto Universidade para a Terceira Idade – UNITI) chamada “O casamento de Lindinha”; e “Professor Educador”, onde participávamos de

palestras mensais, com a Polícia Civil do estado de Goiás, falando sobre drogas nas escolas. Na “Semana Acadêmica”, para o encerramento, apresentamos outra peça teatral chamada “Dia das mães muito louco”. Durante esse período, conheci a Émile – na época cursava o quarto ano na UEG – que me convidou a participar do programa abcDF, onde ela era coordenadora. Aceitei seu convite. O objetivo do programa é alfabetizar jovens e adultos; contudo, eu tinha que ir às ruas e casas procurar interessados para poder abrir uma turma com, pelo menos, nove alunos. No início, foi difícil, pois nunca havia ministrado uma aula e tive ajuda de outras professoras do programa. Foi a partir desse momento que me interessei pela área de Educação de Jovens e Adultos e pelo fato de poder ser o diferencial na educação, de dar atenção a esses alunos e aos seus problemas. Nesse mesmo ano, decidi realizar a prova de transferência facultativa para UnB, uma o ensino da UEG estava muito fraco e corria risco de perder o título de universidade e se tornar centro universitário. De início, minha mãe não concordou muito com a ideia da transferência, mas eu quis tentar do mesmo jeito.

Em 2010, minha mãe sofreu um acidente, automobilístico grave, ficando internada durante dez meses sem poder sair da cama, devido a uma fratura no fêmur. No final de fevereiro, recebi a notícia que havia passado no processo da transferência. No início do mês de março, fiz matrícula na UnB onde estou até hoje. Ainda em 2010, devido minha mãe não poder me ajudar com os gastos da universidade, decidi procurar um emprego. Em agosto, comecei a trabalhar em uma empresa de telemarketing (Cobra Tecnologia S/A), onde permaneci por dez meses. Foi um período de experiências boas e ruins.

No ano de 2011, a UnB entrou em contato comigo perguntando se estava interessada em uma vaga de estágio no Curso de Ciências Farmacêuticas. Sem pensar duas vezes, aceitei fazer a entrevista. Em junho, desse ano, me ligaram informando que precisava levar alguns documentos para assinar o contrato e, estou até hoje, completando dois anos. E tudo que sei sobre o funcionamento da universidade, é devido ao estágio.

Em 2012, participei de alguns eventos como: ENEPe (Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia) e X Colóquio sobre Questões Curriculares e IV Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo, ambos em Belo Horizonte na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Seminário “Memória Coletiva Viva e Sistematização de Experiências-Cidade Educadora e Construção de Pesquisas”, onde tive um trabalho apresentado; III Fórum de Políticas Públicas de Educação e I Simpósio de “Estudantes com Necessidades Especiais: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva”, todos realizados pela Universidade

de Brasília - UnB. Vejo que essas participações, em eventos, são como aperfeiçoamento e aprendizagem, na área da educação.

Durante toda a minha caminhada acadêmica, tive professores que acrescentaram muito ao meu aprendizado com suas experiências: Cristiano Alberto Muniz, em Educação Matemática 1; Cristina Maria Costa Leite, em Educação em Geografia; José Vieira de Sousa, em Avaliação das Organizações Educativas; Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire, em Orientação Educacional; Fátima Lucília Vidal Rodrigues, em O Educando com Necessidades Educacionais Especiais; Tereza Cristina Siqueira Cerqueira, em Projeto 4 – as duas fases e, em especial, a Vera Aparecida de Lucas Freitas, em Língua Materna e a Stella Maris Bortoni-Ricardo, em Projeto 3 – as duas fases – e Projeto 5.

Destaco a importância da professora Vera, por ter me motivado com suas belas aulas sempre bem planejadas. Por essa motivação e pela minha dedicação à disciplina, resolvi falar sobre alfabetização ou letramento. Entretanto, não pude deixar de lado o meu interesse pela Educação de Jovens e Adultos - EJA. Fiz a junção das duas áreas para ser meu tema de monografia – Letramento na Educação de Jovens e Adultos. No Projeto 4, tanto nas observações quanto na regência, optei realizá-las em uma escola de EJA. Foi a melhor fase da minha vida acadêmica. Aprendi muito com os alunos e com a equipe escolar e pude perceber o quanto a EJA não é valorizada no Brasil.

Hoje, sou apaixonada pelo curso e tema escolhido para monografia, que futuramente poderá vir a ser explorado no mestrado e doutorado. Ao entrar na universidade tive várias oportunidades e, com isso, posso dizer que a UnB abre as portas, só basta querer e correr atrás.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é um tema de grande pertinência a ser discutido, por haver ainda um número elevado de analfabetismo no Brasil, cerca de 13,6% segundo o IBGE, e pela falta de qualidade no ensino para esses adultos, tendo em vista que vivemos em uma sociedade letrada onde a escrita e a leitura ocupam um lugar de destaque no meio social e a condição de não dominar os códigos da leitura e da escrita isola as pessoas do envolvimento com seu ambiente físico e social.

Nessa perspectiva, é importante salientar que, desde a origem dessa modalidade de ensino, já havia certa desvalorização pelo fato de não haver espaço apropriado para as aulas. Durante a o governo de Fernando Collor, a educação não era tida como prioridade e com isso o programa EDUCAR (sucessor do MOBREAL) foi extinto.

Com o decorrer dos anos, foram surgindo programas de alfabetização para adultos com objetivo de diminuir o analfabetismo. Mesmo com esses programas, os profissionais ou “alfabetizadores” não eram qualificados para assumir turmas, sendo apenas pessoas com boa vontade.

Os alfabetizadores da EJA viam seus alunos como seres incapazes de aprender. O PAS (Programa Alfabetização Solidária) criou o lema “Adote um Analfabeto”, reforçando a desvalorização e a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz. Em muitos casos, os professores aproveitam os materiais utilizados com crianças em adultos, não atingindo os objetivos da aula com eficácia.

Segundo Durante:

O aprendizado através de interações com o meio físico, social e histórico possibilita o desenvolvimento de processos internos. Os diferentes contextos sociais e as possibilidades de interações propiciam processos diferenciados de aprendizagem, conhecimentos e formas de pensamento. (1998, p. 16)

Diferentemente das crianças, os adultos chegam à escola com experiência maior. Eles trazem para a sala de aula suas vivências e experiências do dia a dia, havendo uma troca de conhecimentos, pois propiciam situações de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento psicológico. Nesse sentido, não se podem descartar esses conhecimentos já adquiridos por esses alunos. Este caso, seria a atitude do professor de alfabetizar letrando.

É interessante destacar o que seria letramento, para melhor entendimento na proposta deste trabalho. Portanto, letramento:

é complexo e heterogêneo, pois tem uma dimensão individual e uma social. Na dimensão individual, é um atributo pessoal de posse de técnicas mentais de ler e escrever. Na dimensão social, é um fenômeno cultural, pois se trata de atividades sociais que envolvem a escrita e de exigências sociais de uso dessa escrita. Portanto o letramento envolve dois processos contínuos e complementares: LER e ESCREVER, que constituem um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que compõem um longo e complexo continuum. LER, mais do que um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som, é um processo de construir sentidos, é interpretação de textos escritos diversos, dos mais simples aos mais complexos. Envolve desde a decodificação de sílabas ou palavras até a capacidade de ler bilhetes, cartas, e-mails, histórias em quadrinhos, contos, romances, poesias, jornais, textos científicos, etc... E ESCREVER, além de ser um registro de unidades de som, é capacidade de transmitir significado a um leitor, de forma adequada, ou seja, é um processo de expressar e organizar o pensamento em língua escrita. Trata-se, portanto, da apropriação de competência que vai desde a capacidade mais simples de escrever o próprio nome ou escrever bilhetes até textos mais complexos como cartas, emails, cartazes, textos argumentativos, ensaios, teses, etc.. (COSTA, 2004, p. 27;28)

Contudo, cabe ao professor não apenas alfabetizar (ação de quem ensina a ler e a escrever, ou seja, ensina apenas a codificar e decodificar as palavras) e sim alfabetizar letrando, fazendo com os alunos possam saber lidar com essas situações, de leitura e escrita, no dia a dia.

O que seria alfabetizar letrando? O professor, como mediador, levará para a sala de aula recursos de comunicação social e, a partir daí, trabalhará as palavras e situações da vivência de seus alunos. Como diz Paulo Freire (1979), alfabetizar com palavras do cotidiano do indivíduo, evitando levar materiais infantilizados.

Tendo como base tais discussões que ressaltam a importância da relação escola, EJA e a perspectiva dos professores, temos como objetivo nesta pesquisa, analisar como os professores da Educação de Jovens e Adultos do 5º ano da rede pública do Distrito Federal estão trabalhando o letramento. Para isso utilizamos como aporte teórico a teoria do Letramento e Alfabetização de Magda Soares (2010; 2011).

O objetivo geral desta pesquisa se direciona a investigar se os alunos da EJA estão saindo dos anos iniciais letrados, podendo, assim, compreender textos lidos e/ou suas próprias produções, conseguindo levar as informações para o dia a dia.

Assim, os objetivos específicos almejam (a) observar como é trabalhada, pela professora, a leitura dos alunos; (b) observar como a professora faz a interpretação dos textos com os alunos; (c) verificar o nível de produção textual dos alunos; (d) analisar a capacidade de compreensão leitora dos alunos.

O corpo teórico desta monografia está assim configurado: o capítulo 1 vem falar sobre a história da Educação de Jovens e Adultos e sua dificuldade em consolidar-se no Brasil. Além disso, o capítulo fala sobre como a EJA está desvalorizando, propondo uma melhoria, uma atenção maior a essa modalidade de ensino. O capítulo seguinte tem o objetivo de mostrar a diferença existente entre alfabetização e letramento, pois, muitos educadores ainda têm o pensamento de que são a mesma coisa. Elabora o conceito de cada um deles. O terceiro capítulo, que deu título ao trabalho, vem mostrar qual seria a atitude do professor de EJA para alfabetizar letrando, a importância desta ação; além de falar sobre o letramento escolar. O capítulo 4 retrata a metodologia que foi utilizada para a realização desta monografia. Foi uma pesquisa qualitativa, sendo realizada através de observações de aulas de Português e algumas intervenções.

Gostaria de ressaltar a importância da pesquisa, e como ela contribui não apenas para a formação do estudante em pedagogia, mas também, para apropriação e transformações de paradigma na constituição do profissional da educação. Na presente experiência, refleti sobre o estudo e a importância do ensino do letramento, os aportes que esse traz, gerando contribuições para área de EJA, identificando o desenvolvimento da modalidade, desafios que enfrenta e as lacunas relativas à legislação, formação docente, em nível de graduação e o repensar da nova demanda social, oriunda dos próprios docentes, destacando a garantia de uma boa qualidade de ensino.

MONOGRAFIA

Capítulo 1: A Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil

1.1 Breve Histórico

Podemos considerar que o marco inicial, da educação de adultos, deu-se com a chegada dos jesuítas ao Brasil. O ensino do ler e escrever aos indígenas adultos estavam ligados à catequese, onde eram submetidos a uma ação cultural e educacional, porém, os jesuítas priorizavam a educação das crianças sendo consideradas como agentes multiplicadores, inconstantes e tomadas por vícios.

A partir do século XIX (período imperial) houve uma institucionalização da escola no Brasil. Grande parte das províncias, em 1834, tornaram-se responsáveis pelas instruções primárias e secundárias junto aos jovens e adultos. Nesse período, em Pernambuco, já havia aulas noturnas ou para adultos nas províncias, sendo em 1885 o funcionamento das escolas recebendo alunos com idade mínima de quinze anos. De acordo com o Regimento das Escolas de Instrução Primária:

O ensino deveria ser dividido em duas seções: uma para os que não tinham nenhuma instrução e outra para aqueles que já possuíam alguma. Deveria ser dado nas escolas noturnas criadas pelo governo na capital e na sede de cada termo, nas escolas dominicais [...]. Além disso, o Regimento previa ainda que outras aulas para adultos poderiam ser estabelecidas por professores que, gratuitamente, a isso se propusessem, mediante autorização do presidente da província funcionando na casa e com os móveis da escola diurna. O ensino para adultos parecia assumir, em alguns casos, um caráter de missão para aqueles que a ele se propusessem, na medida em que os professores que já ensinavam durante o dia não receberiam nenhum salário ou gratificação a mais para abrir aulas noturnas. Parece se inserir, assim, em uma ampla rede de filantropia que se teceu no século XIX brasileiro, como forma de as elites contribuírem para a “regeneração” do povo. (GALVÃO e SOARES, 2006, p. 31)

No período imperial, na educação para adultos eram separados os homens das mulheres. Para as adultas eram ensinadas as funções que deveriam prestar à sociedade, ou seja, ao espaço doméstico.

Em meados do século XX, anos 30, Paschoal Lemme organizou o ensino supletivo para adultos. Nesse período, era muito comum o uso da carta do ABC, mas a inflexibilidade e a abstração dos conteúdos fizeram com que houvesse infrequências nas aulas e a construção de uma representação do não-alfabetizado: “cabeça dura”, “sem jeito para as letras” e “incapaz”.

Contudo, a educação básica começa a delimitar seu lugar na história da educação brasileira, com a consolidação de um sistema público de educação elementar. Sua oferta

gratuita estendia aos setores sociais mais diversos e foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes educacionais para todo o país. Esse movimento incluiu o ensino elementar aos adultos nos anos 40.

Em 1945, a educação dos adultos ganhou destaque dentro da preocupação geral com a educação elementar, devido ao fim da Segunda Guerra Mundial e ao fim da ditadura de Vargas. Em 1947 é lançada a Campanha de Educação de Adultos, devido à definição de identidade da educação de adultos, abrindo reflexões e debates acerca do analfabetismo no Brasil.

Pretendia-se, numa primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. Depois, seguiria uma etapa de “ação em profundidade”, voltada à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário. [...] Num curto período de tempo, foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e voluntários. O clima de entusiasmo começou a diminuir na década de 50; iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década. (RIBEIRO, 2001, p. 20)

Os professores participantes dessa campanha julgavam os adultos analfabetos como seres incapazes de aprender, identificados psicologicamente e socialmente como crianças. Durante a participação na campanha, esses preconceitos foram se amenizando percebendo-se que os adultos analfabetos, também, têm capacidade de raciocinar e resolver seus problemas. A confiança na aprendizagem dos adultos inspirou o Ministério da Educação a produzir materiais didáticos específicos para a Educação de Jovens e Adultos.

Em 1958, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, liderado por Paulo Freire, tinha por base que a educação deveria ser através da realidade dos próprios alunos e que o trabalho deveria ser feito “com” o homem e não “para” o homem. Dessa maneira, o adulto não-alfabetizado não poderia ser mais visto como um ser ignorante e imaturo, mas sim um produtor de cultura e de saberes. Nessa perspectiva, Paulo Freire dizia que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, uma educação conscientizadora, que respeita o educando, visualizando-o como um ser pensante, produtivo, possuidor de cultura e do pensamento crítico.

No início da década de 1960 foram criados movimentos de educação e de cultura popular (MEB, MPC, CPCs, CEPLAR e MOBREAL), sob inspiração ao pensamento pedagógico de Paulo Freire e sua proposta no processo de alfabetização. Nessa mesma época, a educação de adultos é vista como uma forte ferramenta de ação política, sendo que 50% da população eram excluídas por ser analfabeta.

Segundo o livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, o analfabeto é considerado produtor de conhecimentos e a educação deve ser dialógica e não bancária, ou melhor, não, apenas, depositar os conhecimentos aos alunos.

Paulo Freire propunha que, em lugar das cartas do ABC ou das cartilhas, a própria realidade do educando estivesse no centro do processo de alfabetização. A partir do conhecimento dessa realidade, o educador selecionaria algumas palavras – denominadas geradoras – que pudessem desencadear um processo de problematização dessa mesma realidade e as formas de superá-las e, ao mesmo tempo, servissem como ponto de partida para o ensino dos padrões silábicos da língua. No interior dos diversos movimentos, muitos materiais foram produzidos, inspirados por Paulo Freire. (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 45)

Um dos movimentos liderados por Paulo Freire, MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização - criado em 1967, entretanto, só entra em vigor em 1969. Devido ao Golpe Militar, a alfabetização se restringiu em aprender a desenhar o nome. Decorrente desse fato, o MOBRAL, juntamente com a UNESCO, funcionava de forma paralela e autônoma ao MEC, reeditando uma campanha nacional com o seguinte tema: “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber”.

O objetivo do MOBRAL era “relacionar a ascensão escolar a uma condição melhor de vida, deixando à margem a análise das contradições sociais inerentes ao sistema capitalista. Desse modo, basta aprender a ler, escrever e contar e está apto a melhorar de vida”. (SOUSA, p. 40, 2009)

O material didático do MOBRAL partia das mesmas ideias de Freire: o ensino da escrita e da leitura através de “palavras geradoras”. No entanto, essas palavras no movimento eram impostas pelos tecnocratas de forma generalizada a todos os estados brasileiros, não abrangendo a todas as realidades.

Com a Nova República e o fim do Regime Militar, em 1985, o MOBRAL é extinto e surge, em seu lugar, a Fundação Educar – vinculada ao Ministério da Educação. O objetivo da fundação era supervisionar e acompanhar as instituições e secretarias que recebiam recursos para a execução de seus programas. No governo de Fernando Collor, em 1990 (no Ano Internacional da Alfabetização), a Fundação Educar foi extinta pelo motivo de a alfabetização não ter prioridade em seu governo. “A partir de então, o governo federal ausenta-se como articulador nacional e indutor de uma política de alfabetização de jovens e adultos no Brasil”. (GALVÃO; SOARES, 2006, p. 47)

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 (regente até os dias atuais), o direito à educação foi estendido aos que ainda não haviam frequentado ou concluído o ensino

fundamental e o direito a voto a pessoas analfabetas. Pelo fato de a União não ter a obrigação de atender a esse direito, os municípios ampliam a oferta de educação para jovens e adultos.

A Constituição Federal de 1988 (2013), em seu capítulo III, na seção I da Educação, traz o art. 208, no inciso I que descreve que é dever do Estado com a educação mediante “ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.” (p.35)

Com a não obrigatoriedade da União em atender a oferta da educação para jovens e adultos, passaram a ser desenvolvidas várias experiências nos espaços fora da escola como universidades, movimentos sociais e organizações não governamentais (ONG’s).

Em 1990, surgiram muitos movimentos dentre eles o MOVA – Movimento de Alfabetização, tendo o ideário da educação popular como princípio de sua atuação. É característica desse movimento a associação entre educação e cultura, como base de uma política pública de educação, o vínculo Estado-sociedade.

Galvão e Soares (2006, p. 48) ressaltam:

“O ‘olhar’ diferenciado sobre os sujeitos da alfabetização; a elaboração das propostas a partir do contexto sociocultural dos sujeitos; a consideração dos sujeitos como co-partícipes do processo de formação.”

Um pouco mais de dez anos da extinção da Fundação Educar, o governo federal propõe um programa nacional, o PAS – Programa Alfabetização Solidária. Sua proposta é uma parceria entre o governo federal, empresas, administrações municipais e universidades. Além disso, criou a campanha: “Adote um analfabeto”, reforçando a imagem de um indivíduo analfabeto ser incapaz, passível de adoção, de uma ação assistencialista. O PAS, da mesma maneira que o MOBREAL, estruturou-se paralelamente ao Ministério da Educação, dificultando a continuidade no processo de pós-alfabetização.

Chegando ao século XXI, percebe-se, ainda, um índice elevado de brasileiros que não têm o domínio da leitura, da escrita e das operações básicas da matemática. Galvão e Soares (2006) são, aproximadamente, 20 milhões de analfabetos absolutos; 30 milhões de analfabetos funcionais e 70 milhões de brasileiros acima de 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização exigida pela CF/88 e pela LDB/1996, o ensino fundamental.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996, em seu Título III Do Direito à Educação e do Dever de Educar, traz o art. 5º, no parágrafo 1º, no inciso I que descreve que é dever do Estado e Municípios “recensar a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso”.

Outro grupo que, mesmo frequentando a escola, não consegue ler e escrever, são os neo-analfabetos. Essas pessoas são produto de uma nova exclusão: “mesmo tendo se escolarizado, não conseguem ler e interpretar um simples bilhete ou texto. Esse novo contingente estará fazendo parte de público demandatário da Educação de Jovens e Adultos”. (GALVÃO e SOARES, 2006, p. 50)

1.2 EJA sem preconceitos

Nas décadas de 1960 e 1970, foi o auge do movimento migratório no Brasil e, hoje, continua levando famílias ou pessoas a fincarem raízes em outros espaços e em outras culturas. É comum ver, nos centros urbanos, pessoas de diversas origens em busca de uma qualidade de vida melhor e, nas salas de EJA, é notável essa diversidade pelos: traços físicos, modos de falar, agir e reagir, formas de fazer, preferências culinárias e gostos musicais dos alunos. Além disso, podemos encontrar, também, pessoas que migraram da zona rural para a zona urbana com intuito de terminar os estudos ou arrumar um trabalho fixo.

Infelizmente, a Educação de Jovens e Adultos “ainda é tida como uma educação de menor importância no interior das instituições de ensino e é tratada como um ensino de segunda categoria” (PAULA; RAGGI).

Atualmente, a finalidade da EJA é proporcionar oportunidade aos que não tiveram acesso à educação na idade própria, integrar o homem à sociedade e dar-lhe oportunidade no mercado de trabalho, possibilitando a relação entre o saber, o pensar e o fazer. A necessidade de compreensão do homem em valorizar a Educação para o seu crescimento social e economicamente ativo é recente na história do Brasil.

Todavia, a EJA é uma modalidade específica da Educação Básica designada a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância. Portanto, está voltada para inclusão de pessoas em contexto social, econômico, cultural e geracional diferenciado. Nesta perspectiva, ela precisa estar relacionada à educação popular, visando à emancipação dos sujeitos.

Partindo desses princípios, para a valorização e qualidade da EJA, a ação pedagógica deve ser diferenciada das práticas desenvolvidas nos outros níveis e modalidades de ensino, e organizada a partir de uma concepção crítica que respeite a faixa etária de seus sujeitos, não os infantilizando. Isso significa que ela precisa se articular com os movimentos sociais de modo a garantir o encontro entre os saberes populares e os historicamente sistematizados.

A questão da valorização passa também pela forma de gestão exercida pela equipe dirigente. Entendemos que os dirigentes é quem devem dar o primeiro passo no sentido de valorizar o público a quem se destina a EJA, reconhecendo como homens e mulheres capazes, que tem voz, opinião e apresentam necessidades específicas de aprendizagem e são sujeitos sociais de direito. Logo, [...] a prática da gestão democrática tende a promover esse reconhecimento. (PAULA; RAGGI)

Segundo a lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, traz em seu título III, o art. 4º, nos incisos:

- I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

Outra questão sobre a valorização é a não transposição da atuação do professor as classes de EJA, levando em consideração a “ampla e longa experiência social”. Nesse caso:

A alfabetização nas classes de EJA tem suas especificidades. Mesmo que a proposta seja levar os alunos a aprenderem a linguagem escrita, a forma não pode ser a mesma. Mesmo que estejamos nos propondo a trabalhar, por exemplo, a ortografia, tanto com as crianças como com os adultos das classes de EJA, a transposição de atividades, simplesmente, não pode acontecer, pois corremos o risco de negar reflexões pertinentes já apresentadas sobre a alfabetização de jovens e adultos por Freire (1991), por exemplo.

O processo de construção do conhecimento será semelhante por parte de crianças alfabetizadas e de adultos das classes de EJA, porém, nossa atuação docente deverá levar em conta as diferenças. (STEYER, 2011, p. 58)

Para ficar clara, assim como a alfabetização de crianças, a alfabetização de EJA constitui um universo que ser desvelado. Entretanto, cabe ao professor aprofundar-se nesse universo, para aprender, com os jovens, adultos e idosos, como eles aprendem a ler e a escrever.

Seu Djalma, um colaborador da pesquisa, ao resolver questões de matemática (subtração) utiliza métodos não convencionais para chegar ao resultado final. Este exemplo ilustra melhor a sensibilidade que o professor deve ter perante o aprendizado dos jovens, adultos e idosos.

Capítulo 2: Letramento x Alfabetização

2.1 O que é letramento?

O termo letramento é novo na área da Educação e nas Ciências Linguísticas, chegando ao Brasil, aproximadamente, há 30 anos (na metade da década de 80) pela necessidade que os linguistas tiveram ao perceber que havia algo mais que a alfabetização. É originada do termo inglês *Literacy* que vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*. Por ser uma palavra recém-chegada, não é encontrada sempre nos dicionários brasileiros; seu primeiro aparecimento foi no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete: na 3ª edição no Brasil, em 1974.

Contudo, o conceito de letramento é baseado no conceito de *literacy*:

estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2010, p. 17).

Para TFOUNI (2010), letramento segue três perspectivas da literatura de língua inglesa: a primeira, denominada individualista-restritiva, ou seja, aquisição da escrita como código, tem uma relação entre escolarização, ensino formal e aprendizado de habilidades específicas; a segunda, chamada tecnológica, tem uma visão positiva do uso da leitura/escrita; e a terceira, a cognitivista, que vê o indivíduo como responsável central pelo processo de aquisição da escrita. De acordo com a autora, essas três perspectivas possuem um ponto em comum: a aquisição da leitura/escrita.

Dessa maneira, chega-se a uma conclusão acerca do conceito de letramento: “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” (SOARES, 2010, p. 39). Letramento vai além de, apenas, ler e escrever. É o uso que fazemos da escrita na sociedade, ou seja, são os conhecimentos que veiculamos a escrita, por exemplo: o modo de como usamos a escrita para nos comunicar e relacionar com outras pessoas, pela forma de como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo, portanto, letramento é o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais (como citado) envolvendo a capacidade e os conhecimentos em contextos e meios determinados.

Letra + mento

Forma portuguesa da palavra

latina *littera*.

-mento: sufixo indica resultado de uma ação.

Ex.: Acolhimento = resultado da ação de acolher.

Para ilustrar melhor esse conceito Magda Soares traz, em seu livro **Letramento: um tema em três gêneros**, um poema de uma estudante norte-americana, Kate M. Chong, que define sua história de letramento.

O que é letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente
O tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

Analisando o poema, percebe-se que letramento é muito mais que alfabetização, é um estado e/ou condição de quem se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita.

2.2 O que é alfabetização?

De acordo com SOARES (2011) alfabetização é o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Para uma pessoa ser considerada “alfabetizada” é preciso que tenha domínio na leitura e escrita, ou seja, não basta apenas, decodificar palavras isoladas e não saber expressar-se por escrito.

Para compreender o conceito de alfabetização é necessário conceituar analfabeto, analfabetismo e alfabetizar:

- Analfabeto: indivíduo que não conhece o alfabeto, ou seja, não sabe ler e nem escrever;
- Analfabetismo: estado ou condição de analfabeto;
- Alfabetizar: ato de ensinar a ler e a escrever.

Portanto, alfabetização é a ação de alfabetizar, de o indivíduo deixar de ser analfabeto, ou seja, tornar-se “alfabeto”:

Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria ‘alfabetizada’ uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, [...] como também não se consideraria ‘alfabetizada’ uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua [...]. (SOARES, 2011, p. 16).

Para entender melhor essa teoria, Magda Soares mostra um exemplo, no livro **Alfabetização e Letramento**, onde é perceptível notar a diferença de um domínio “mecânico” da língua escrita e da leitura e a apreensão e compreensão desses.

Ex:

Pedro já sabe *ler*. Pedro já sabe *escrever*. (Domínio “mecânico”)

Pedro já *leu* Monteiro Lobato. Pedro *escreveu* uma redação sobre Monteiro Lobato. (Apreensão e compreensão da língua escrita e da leitura)

No segundo exemplo, Soares quis mostrar que é primordial a compreensão do mundo a partir do mais próximo do indivíduo para o mais distante, visando à troca de conhecimento. Nesse conjunto de exemplos, está visível a tal diferença citada; a mecanização do ato de apenas ler e escrever e a compreensão do ato de ler e ao mesmo tempo de escrever sobre aquilo que leu.

2.2.1 Métodos de alfabetização

A história da alfabetização no Brasil deu-se no final do século XIX, com disputas relacionadas a “antigas” e “novas” explicações a acerca de um mesmo problema: a dificuldade de se aprender a ler e a escrever. Nesse mesmo período, o acesso à escola era restrito a poucos e no âmbito privado no lar ou, até mesmo, de maneira rudimentar/precária nas poucas “escolas” do Império, sendo chamadas de aulas régias. Segundo MORTATTI (2006) “as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados”.

Desse modo, o processo de aprendizagem de leitura e escrita na fase inicial de escolarização é um momento de passagem para um novo mundo. Com os repetidos esforços de mudanças houve uma concentração nos métodos de ensino da leitura e escrita, ocasionando discussões e disputas entre os que consideravam os emissores de um novo método de alfabetização e os que defendiam os “antigos” métodos.

Para facilitar a compreensão do surgimento das metodologias de alfabetizar, será apresentado em quatro momentos importantíssimos, mostrando o papel das cartilhas como instrumento de métodos e conteúdos de ensino contribuindo para a criação de uma cultura escolar e a transmissão de tradições:

1º momento – metodização do ensino da leitura: no final do século XIX, a metodologia utilizada era marcha sintética (soletração, fônico e silabação). Quanto à escrita, o método utilizado restringia a caligrafia e a ortografia. As primeiras cartilhas foram produzidas nesse período, baseando no método de marcha sintética.

A partir de 1880, deu-se início ao método João de Deus ou método da palavra baseando “em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras”. (MORTATTI, 2006)

2º momento – a institucionalização do método analítico: a partir da primeira década de 1890, os professores formados na Escola Normal de São Paulo defenderam o método analítico para

o ensino da leitura. Esse método tem como objetivo o ensino da leitura iniciado pelo todo para que, em seguida, proceda a análise das partes constitutivas.

No início do século XX, as cartilhas foram produzidas no método de marcha sintética adequando ao método analítico, dos paulistas. Esse momento se estende até 1920, onde o termo “alfabetização” começa a se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita.

3º momento – a alfabetização sob medida: durante a década de 1920, os professores começaram a resistir à utilização do método analítico e decidiram buscar novas propostas para solucionar os problemas do ensino inicial da leitura e escrita. Após algumas décadas, passaram a utilizar os métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa) por considerar mais rápidos e eficientes. Na maioria dos estados brasileiros, a preferência é o método global (de contos).

A partir dessa época, as cartilhas passaram a ser produzidas nos métodos ecléticos ou mistos e começaram a produzir manuais do professor para acompanhar as cartilhas. Esse momento vai até, aproximadamente, 1970 com a fundação de uma nova tradição no ensino da leitura e da escrita, segundo MORTATTI (2006) “a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina; as questões de ordem didática, portanto, encontram-se subordinadas às de ordem psicológica”.

4º momento – alfabetização: construtivismo e desmetodização: no início da década de 1980, há discussões e questionamentos a cerca dos métodos e cartilhas de ensino com a aprendizagem do sujeito cognoscente. Com isso, aparece um novo método o construtivismo que veio para desmetodizar os processos de alfabetização e questionar o uso das cartilhas.

Nesse momento, que vai até os dias atuais, os pesquisadores estão em busca de novas propostas de alfabetização, baseando-se nas metodologias antigas, devido às múltiplas dificuldades e problemas da ausência de uma “didática construtivista”.

Simplificando, os métodos de alfabetização são:

- Marcha sintética: inicia-se o ensino da leitura da “parte” para o “todo”, ou seja, da letra à palavra, seguindo a respectiva ordem – da soletração ou alfabético (partindo do nome das letras), do fônico (partindo dos sons das letras) e da silabação (partindo das sílabas);
- Analítico ou global: inicia-se o ensino da leitura pelo “todo” para a “parte”. O professor pode considerar o “todo” como sendo uma palavra, ou uma sentença, ou uma história/contos.

- Mistos ou ecléticos: inicia-se o processo de alfabetização pelo método analítico partindo para o sintético e vice-versa; onde se trabalha o fonema, a sílaba, a frase e o texto, levando a construção do conhecimento baseando-se numa história onde são apresentados os fonemas.
- Construtivismo: desmetodizar o processo de alfabetização. Surge como “revolução conceitual”.

2.2.2 Processos de alfabetização

Levando em consideração o mundo em que vivemos (a era da tecnologia) a criança, desde cedo, está em contato com a escrita, nas suas tentativas de desenhar. Nesse caso, através dos “ricos aparelhos visuais e informações escritas [...] acaba despertando mais cedo o interesse para essa forma de linguagem”. (SANTAMARIA, LEITÃO E ASSENCIO-FERREIRA, 2004, p. 237)

Sendo assim, o aluno passa por quatro níveis no processo de alfabetização para chegar ao ponto de diferenciar o desenho da forma escrita. Os níveis de alfabetização, de acordo com as teorias de Emília Ferreiro, são:

1. Pré-silábica: é a fase onde a criança ou adulto, reproduz os traços que identifica como forma básica da escrita, não correspondendo a fala com a escrita. Por exemplo, o aluno copia a palavra ou letra da mesma maneira que vê sem saber o que está escrevendo, está apenas reproduzindo.
2. Silábica: é a fase onde o aluno começa a ser capaz de ler e escrever palavras regulares por terem grafismos mais definidos e mais próximos ao das letras, perdendo a habilidade de ler palavras irregulares. É o momento em que surge o conhecimento da relação entre fala e a escrita, ou seja, a escrita deixa de ser tratada como desenho.

Exemplos de palavras irregulares

Cedo, **c**omeço, **j**eito, **t**rouxe, **b**oxe, **c**achorro, **f**ixo, **t**exto, **r**aça, **ç**açula, **b**atalha, **m**ochila, **o**bserve, **m**inhoca, **e**xceção

3. Silábica-alfabética: é a fase que o aluno descobre que o fonema não corresponde necessariamente ao grafema correspondente, segundo SANTAMARIA, LEITÃO E ASSENCIO-FERREIRA (2004, p. 238).

Ex: Grafemas não correspondentes aos fonemas

Exercício (X com som de Z)

Casamento (S com som de Z)

Explicar (X com som de S)

Canção (Ç com som de S)

Gravidez (Z com som de S)

OBS: Neste exemplo podem entrar todos os dígrafos.

4. Alfabética: é o momento em que se dá início a uma escrita regular regida pelos princípios alfabéticos. Neste nível a leitura e a escrita se concentram ao nível dos fonemas se tornando um processo mais analítico do que automático.

2.3 Diferenças entre alfabetização e letramento

Atualmente, muitos professores definem alfabetização e letramento como sendo a mesma coisa, mas na área da Linguística existem diferenciações nos conceitos desses termos. Por exemplo, alfabetização é o ato de ensinar a ler e a escrever e alfabetizado é a condição de quem já sabe. Letramento é o estado ou condição de quem já sabe ler e escrever incorporando nas práticas sociais/no cotidiano, ou seja, “não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e da escrita que a sociedade faz continuamente”, segundo Soares (2010, p.20).

Magda Soares em seu livro, *Letramento: um tema em três gêneros* traz um exemplo que define essa diferença:

A grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, p. 40, 2010)

Capítulo 3: Letramento na alfabetização de Jovens e Adultos

3.1 Letramento “Escolar”: Como alfabetizar letrando?

Na nossa sociedade contemporânea, a escola representa, na teoria, a instituição responsável oficialmente em promover o letramento. Nesse ponto, a aprendizagem da leitura e da escrita inicia-se pela “codificação” e “decodificação”, através dos métodos de alfabetização, para depois oferecer atividades de leitura e escrita de textos. Contudo, são apenas exercícios vinculados aos fonemas ou grafemas que os alunos estão estudando, que cumprem funções sociais, ou seja, para dizer que há uma aprendizagem da leitura e da escrita.

Infelizmente, o fenômeno do letramento está reduzido às habilidades de leitura e escrita aos usos sociais que os testes avaliam e medem.

A prática tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a “decifrar” a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escritores. Diversas pesquisas têm apontado para o fato de que os alunos saem da escola com o domínio das habilidades inadequadamente denominadas de “codificação e decodificação”, mas são incapazes de ler e escrever funcionalmente textos variados em diferentes situações. (MORAIS e ALBUQUERQUE, 2006, p. 65)

É importante ressaltar que os adultos analfabetos vivem em uma sociedade na qual há uma presença muito forte de leitura e escrita. Por exemplo, recebem cartas - ouvindo a leitura do texto - e para se comunicar com alguém distante ditam o seu texto.

Essa cena pode ser ilustrada no filme Central do Brasil, com Fernanda Montenegro, onde as pessoas ditavam suas cartas para um escrevedor; e no filme Narradores de Javé, onde a população da cidade é analfabeta e apenas o carteiro tinha o domínio da leitura e escrita, e para salvar a cidade o carteiro tinha que escrever as histórias narradas pelas pessoas.

Nos exemplos citados, é possível perceber a compreensão que desenvolveram sobre esse gênero nas experiências de ler e escrever através de outras pessoas.

Muitos analfabetos têm experiências diversificadas com a leitura e a escrita, mas, nem sempre, são suficientes e, por isso, voltam à escola nas turmas de EJA ou em projetos de alfabetização de adultos. Esse retorno tem como objetivo desenvolver autonomia em relação à leitura e escrita. É nessa perspectiva que se defende a prática de ensino “alfabetizar letrando”.

Para pôr em prática essa teoria de alfabetizar letrando (levando para a sala de aula textos de circulação social) muitos professores de EJA mantêm a metodologia tradicional do ensino da escrita e da leitura. Ao mesmo tempo, os professores querem que os alunos sejam “sujeitos” de sua aprendizagem, refletindo e construindo sua compreensão; entretanto, as tarefas do cotidiano são mecânicas, como cópia e junção de sílabas.

Ante essas constatações, sabemos que a conquista de um nível mínimo de letramento pressupõe oportunidades de uso, reflexão e domínio das propriedades dos diferentes textos que circulam socialmente. Isso exige uma escolarização que não se esgota em um ano letivo. A grande questão é: como ajudar o aprendiz a apropriar-se da linguagem que se usa ao escrever e dos usos e das finalidades da língua escrita? (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2006, p. 69)

A condição de sujeito letrado se constrói nas experiências culturais com práticas de leitura e escrita. Com isso, para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os alunos – diariamente – a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos, refletindo sobre as características dos diferentes textos que circulam, seus usos, estilos e finalidades.

É de suma importância que o professor saiba como utilizar esses recursos (recortes de jornal, rótulos, embalagens, cartazes publicitários e os próprios livros) para a prática do letramento. Dessa forma, democratiza-se o acesso ao mundo letrado e o aprendiz vivencia, no dia a dia escolar, situações em que textos são lidos e escritos porque atendem a uma determinada finalidade. Nada de apresentar textos com pretensão de memorizar letras ou sílabas soltas.

Temos hoje, em diversos países, estudos comprovando que alunos que desde cedo escutam histórias através da leitura do professor ou de outra pessoa alfabetizada (quando ainda não dominaram o sistema de escrita alfabética), adquirem um conhecimento *sobre a linguagem que se escreve e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados* (Teberosky, 1995). (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2006, p. 70)

A escola precisa promover esse conhecimento e priorizá-lo, pois, querendo ou não, continuam a reduzir a noção de alfabetização ao aprendizado do sistema de escrita alfabética.

3.2 O professor da EJA: O que se ensina/o que se aprende?

A sala de aula de hoje está mais dinâmica, interativa e agradável. O professor não é mais o único detentor de conhecimento e os métodos contemporâneos estão centrados nos interesses dos alunos, com muitas e variadas atividades. Hoje, para ser um bom professor ele tem que orientar, facilitar e acompanhar o desenvolvimento de seus alunos.

Pelo fato de esses alunos terem parado de estudar, muitas vezes, há anos, o professor tem que incentivar a continuar os estudos e nunca desistir no momento de dificuldades. Por serem alunos de EJA, a maioria dos adultos traz consigo muitas experiências/conhecimentos a sua “leitura de mundo” na sociedade mostrando, muitas vezes, sabedoria, tornando-se grandes amigos dos professores.

O professor de Português deve demonstrar seu amor aos livros, para que o aluno queira ler mais, aprenda a gostar de leitura. O professor precisa ter amor ao que faz. Paixão. Entusiasmo quando fala dos livros. Não se ensina Língua Portuguesa, e muito menos

Literatura, sem gostar dos livros e é preciso demonstrar esse amor, passá-lo aos alunos, quando se fala desse assunto em sala de aula. (CAVALCANTE, 2011, p. 72)

Não existe aula de Português sem trabalhar o texto, pois é uma ferramenta ou condição primeira para o aluno expressar-se, oralmente ou por escrito. O professor pode utilizar o método que desejar, mas no caso das turmas de EJA deve buscar o letramento de seus alunos, ou seja, melhorar as condições para o desenvolvimento de competências e habilidades através das aulas.

Quando um aluno busca a Educação de Jovens e Adultos, está consciente de que, para vencer no contexto social em que vive ou trabalha, precisa mais do que aprendeu antes na escola. E o que o Governo espera é que esse aluno seja aprovado nos exames como, por exemplo, a ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos: deixando a condição de analfabeto e tornando-se letrado.

Ao tratar de letramento, Cavalcante (2011) defende a ideia de que “o verdadeiro modo de empregar as estruturas linguísticas deve estar ligado à escrita consciente. [...] É necessário que o estudante utilize a língua no contexto em sala de aula para poder, depois, empregá-la em outras situações”. Esse modo é uma nova maneira de trabalhar com a Língua Portuguesa, divergindo com o método tradicional.

Partindo desse ponto, o que se espera do professor das turmas de EJA?

O que se quer é que o professor tenha consciência das diferenças dessa “numerosa clientela heterogênea” oriunda de variados grupos sociais e que se dedique ao trabalho para diminuí-las. Logo após, quando quiser facilitar os estudos dos conteúdos, terá de incentivar o estudo e que eles estabelecem relações entre as matérias estudadas e as próprias vivências. Em primeiro lugar, incentivá-los a desenvolver competências relativas à leitura e à produção textual. Posteriormente, é preciso que o aluno seja capaz de observar as próprias diferenças em relação ao outro, para eliminá-las e só então será possível capacitar o trabalho dos conhecimentos, quando poderá estimular trocas (de diversos conhecimentos) entre seus alunos. (CAVALCANTE, 2011, p. 74)

O trabalho do professor tem que ser voltado às práticas que envolvam a interdisciplinaridade para que o aluno realize o aproveitamento daquilo que já sabe e aplicar em novas situações, ampliando competências já adquiridas na sua vida social. Dessa forma, a proposta para o trabalho com Jovens e Adultos em Língua Portuguesa é a contextualização desses conhecimentos. A melhor maneira de trabalhar a leitura, em sala de aula é voltando-se para os saberes que os alunos já possuem, podendo discutir a partir de suas vivências de vida e as atividades voltadas para o contexto social em que as turmas estão inseridas.

Segundo Cavalcante “deve-se trabalhar para que se desenvolvam as competências do aluno, que tem de ficar apto a ler, compreender o que o texto quer dizer e a escrever o seu próprio texto”. (2011, p. 75)

O caso relatado por Estevam, colaborador da pesquisa e aluno de uma turma multisseriada de EJA, exemplifica a teoria. Ao ler um texto sobre desmatamento lembrou-se de quando trabalhou com a extração ilegal da madeira. No momento da socialização, para dizerem o que entenderam do texto recebido (cada grupo recebeu um texto diferente), Estevam expôs sua história, dizendo como era realizada essa ação e as consequências. Um momento de muita aprendizagem, pois é um fato que não consta nos livros.

Dessa maneira, poderá aplicar os conhecimentos já adquiridos em quaisquer outras novas situações. Portanto:

É preciso fazer com que o aluno aplique os conhecimentos adquiridos à vida pessoal e saiba viver em sociedade. [...] Ou seja, é preciso que o aluno da EJA possa ser capaz de pensar, relacionar-se, tomar decisões a partir dos conhecimentos adquiridos e posicionar-se na vida, argumentando em favor de suas ideias. (CAVALCANTE, 2011, p.76)

Capítulo 4 – Metodologia

A perspectiva qualitativa busca contextualizar os dados, fazendo a interlocução entre o mundo objetivo e subjetivo dos participantes, não podendo ser apenas refletida pela expressão numérica. O pesquisador aponta então características gerais que compõem a abordagem qualitativa: o ambiente natural é fonte de dados; deve-se considerar, o planejamento e o pesquisador como instrumentos importantes para registrar e captar o fenômeno, a natureza das análises priorizando o processo, não se restringindo aos resultados.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o material coletado na realização do Projeto 4, fase 1 e 2, adotando a abordagem qualitativa. O instrumento selecionado foi a observação e intervenções em algumas aulas de Português nas turmas de 4º e 5º ano da EJA, o que facilitou a compreensão e percepção de como é trabalhado o Português na perspectiva do letramento.

4.1 Participantes

Participaram das observações alunos e professoras, de uma escola da rede pública de Planaltina-DF, de 4º e 5º ano da Educação de Jovens e Adultos. Destaca-se que, nessa escola, as turmas são multisseriadas por falta de demanda de alunos; tendo duas professoras em regime de revezamento ao longo da semana.

4.2 Procedimentos

O objetivo nas observações é analisar como as professoras ensinam a Língua Portuguesa, na perspectiva do letramento. Durante as aulas, foram aplicadas algumas atividades de leitura, compreensão e produção textual para analisar os níveis de leitura, interpretação e produção dos alunos.

Exemplo de atividade de produção textual:

Tema da aula: Português – Produção de texto.

Objetivo da aula: Trabalhar a escrita através de produção de textos - Redação.

Recurso Didático: Folha branca.

Desenvolvimento: Iniciar a aula explicando a atividade a ser desenvolvida. Entregar para cada aluno uma folha branca em que possam fazer uma produção textual sobre o seguinte tema:

“Educação: um direito de todo brasileiro”.

Serão passados no quadro três questões como base para a redação.

*Perguntas:

1- Qual a importância da educação?

2- E a Educação de Jovens e Adultos, qual a sua importância?

3- Qual a sua opinião sobre a escola onde estuda?

Avaliação da aula: Nessa aula, percebi que os alunos, a princípio, tiveram dificuldades para entender o comando e falta de prática em produzir textos. Felizmente, todos conseguiram compreender e realizar a tarefa. Foram ótimas redações.

4.3 Resultados e discussões

Os resultados e as discussões dos dados obtidos estão organizados, assim: primeiro, as observações e, posteriormente, as práticas docentes nas turmas de 4º e 5º ano. Ao adentrar a sala de aula, apresentei-me e expliquei o objetivo em estar com eles, durante o período de 90 horas, equivalente a 30 aulas.

Durante as observações, foi percebido que as professoras tentavam ao máximo atingir a todos os alunos. Compreende-se que é muito complicado ministrar uma turma multisseriada. Não houve um planejamento que abrangesse todos os alunos, atendendo as suas necessidades, pois as professoras preparavam suas aulas abordando os mesmos conteúdos para ambas as turmas.

Em relação às dificuldades observadas, a maioria tem dificuldade em reconhecer os sons formados pelas sílabas. Outra dificuldade está em interpretações de textos, os alunos conseguem ler,

mas não conseguem compreender, sendo considerados analfabetos funcionais, apresentando insegurança e medo de errar.

Segue-se um plano de aula para ilustrar o que foi dito.

Ex: Plano de aula

Tema da aula: Português – Leitura e interpretação de texto.

Objetivo da aula: Trabalhar a leitura e interpretação de texto.

Recurso Didático: Quadro negro e giz.

Desenvolvimento: Iniciar a aula passando a música do Guilherme Arantes “Planeta Água” para concluir a aula sobre poluição e ciclo da chuva. Após a cópia será feita a leitura e a interpretação no caderno. Concluído tudo será feita a correção.

Avaliação da aula: Os alunos demonstraram interesse. Percebi que tiveram dificuldades na interpretação devido às respostas estarem implícitas no texto, ou seja, a resposta era a essência de um determinado parágrafo. Contudo, fizeram todas as atividades propostas com bastante atenção.

A segunda fase do projeto, a prática docente, se apresentou como um grande aprendizado e uma experiência inesquecível. Aprendi muito com cada aluno; de acordo com o tema da aula, era uma história de vida contada.

Com o decorrer das aulas, tentava ao máximo dar atenção a todos os alunos. Esses demonstraram interesse nas atividades propostas e nos temas abordados. A aula mais marcante foi sobre o desmatamento, quando foi feita uma roda de discussões e um aluno se manifestou para contar sua história. Um grande aprendizado, pelo fato dele ter participado de um processo de extração ilegal da madeira.

Segue-se o plano de aula para ilustrar o que foi dito.

Ex: Plano de aula

Tema da aula: Meio Ambiente.

Objetivo da aula: Trabalhar o meio ambiente mostrando as consequências da ação do homem à Natureza.

Mostrar as prevenções que podemos fazer para evitar os problemas ambientais.

Recurso Didático: Textos impressos com vários temas e imagens.

Desenvolvimento: Iniciar a aula dividindo a turma em cinco grupos. Cada grupo receberá um texto com imagem, que terão de ler, entender e discutir entre si. Em seguida fazer uma grande roda e abrir discussões de determinados temas.

Os temas são:

- 1 Desmatamento/Degradação Ambiental;
- 2 Poluição das águas;
- 3 Poluição do ar;
- 4 Invasões/Deslizamentos;
- 5 Coleta Seletiva

Avaliação da aula: A aula foi bastante produtiva. Os alunos demonstraram interesse em entender o que foi passado. No momento das discussões foi marcante, pois todos participaram, deram exemplos do que viram e vivenciaram. Por exemplo: um aluno, quando entramos no tema desmatamento, contou sua história, dizendo que já trabalhou com desmatamento e disse que jamais iria fazer de novo. Informou-me que foi uma experiência que não desejaria a ninguém. Outro exemplo foi no último tema (coleta seletiva). Outro aluno falou que nunca havia parado para pensar na importância da separação do lixo, que não tinha percebido que a escola possui as lixeiras seletivas. Disse-se que, a partir dessa aula, não ia mais jogar lixo no chão e que iria separar os lixos. No final da aula, esse mesmo aluno que falou sobre o lixo se sentiu muito à vontade conosco e começou a se abrir, ou seja, começou a contar a sua história, como chegou aqui em Brasília. Essa aula, ao meu ver, foi a que mais me tocou, me chamou a atenção. Emocionei-me com a maturidade dos alunos perante a história contada e a confiança que os alunos têm comigo. Como foi uma aula à base de conversa, percebi o interesse e dedicação de todos.

Volto a destacar que falta comprometimento e dedicação por parte das professoras regentes em relação ao planejamento de aulas. Essa falta de comprometimento era visível pelo fato de os alunos manifestarem interesse por minhas aulas e, muitas vezes, reclamarem de falta de atenção no momento de dúvidas, por parte das regentes.

O objetivo que foi percebido é o aprendizado da gramática em si, sem mostrar onde aquelas “regras” serão utilizadas no cotidiano. As aulas de Português não estão dentro da perspectiva dos letramentos. Há dificuldades em produzir textos tanto escritos quanto orais. Pelo fato, de não ser trabalhado em nenhum momento os gêneros textuais (uma ferramenta importantíssima para trabalhar o letramento na sala de aula), os alunos não conseguem elaborar uma

carta, por exemplo. Os momentos em que tiveram acesso à leitura foram com textos infantilizados ou textos cartilhescos.

No último dia da pesquisa, foi realizada uma gincana, na qual se fazia uma revisão de tudo que já foi passado em sala de aula; num certo momento, a atividade era para elaborar um discurso com os objetos que iam aparecendo. Dessa maneira, notei que, por falta de prática e leitura, os alunos não conseguiam elaborar textos coesos e coerentes na fala.

Conclui-se que os alunos do 5º ano do ensino fundamental não estão saindo, do primeiro segmento de EJA, letrados. Não há prática de letramento. Não há dedicação e compromisso das professoras no planejamento e na assiduidade às aulas. Não há motivação para com os alunos, acarretando a evasão escolar.

Apesar disso, tive uma ótima relação com os alunos e com a equipe escolar, fui bem recebida por todos. Foi construído um ambiente educacional e profissional muito agradável. E foi de muita valia o tempo passado com os alunos, todos se mostraram muito receptivos. As professoras observadas são muito tranquilas, sempre pediam opinião, auxílio, em especial com um aluno que apresenta deficiência intelectual.

Através de estudos e da vivência, percebe-se que o sistema de ensino brasileiro ainda é precário no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos – EJA. Por não ser de oferta obrigatória, a EJA não recebe os recursos necessários para sua melhoria; os professores, por sua vez, não se sentem motivados e poucas escolas ofertam tal modalidade de ensino. Na Região Administrativa de Planaltina, são poucas as escolas que oferecem a EJA (64 escolas públicas – zona rural e urbana – e 11 escolas oferecem a Educação de Jovens e Adultos). A escola escolhida para o trabalho oferta os anos iniciais do Ensino Fundamental, entretanto, as turmas são multisseriadas devido à baixa demanda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a pesquisa foi fundamentada nas teorias de letramento conforme expostas por Magda Soares (2010; 2011). São teorias que mostram a diferença entre alfabetizar e letrar. Vimos que são práticas totalmente diferentes: a primeira é apenas a ação de ensinar a ler e a escrever; e a segunda é a ação de colocar a leitura e a escrita dentro de um contexto social.

No decorrer do trabalho, foram apontadas as variadas formas de como a EJA vem sendo desvalorizada no Brasil, não só pelo governo, mas, também, pelos profissionais da educação. Nem mesmo os programas de alfabetização de adultos conseguem sanar essa dificuldade, pois o único objetivo é que o aluno saiba, pelo menos, ler e escrever seu próprio nome para ser considerado alfabetizado.

Essa desvalorização vem desde o período colonial. Passando pelo império até os dias de hoje, a educação de adulto no Brasil, vem sendo tratada de forma inadequada pelas autoridades governamentais, com políticas públicas ineficientes, resultando em projetos inconsistentes. Apesar das dificuldades, reconhecemos os avanços percorridos sua trajetória, como por exemplo, o seu direito assegurado por lei, programas e movimentos em prol da EJA, entre outros. Contudo é imprescindível que autoridades governamentais não se acomodem, mas que vislumbrem novos horizontes em busca de uma Educação melhor para todos.

Podemos dizer, sem sombra de dúvida, o quanto valorizar plenamente os alunos da EJA é o melhor caminho para alcançarmos junto a eles o objetivo de que se reconheçam cidadãos. O ensino da língua materna, ou melhor, do letramento, como discutimos aqui, deve ter como principal objetivo mostrar aos alunos da EJA o quanto são capazes, mostrar a eles que valorizamos seus conhecimentos prévios, para que, dessa forma, eles mesmos se reconheçam como sujeitos desse mundo e do seu aprendizado.

A escola, além do professor, exerce um importante papel no desenvolvimento cognitivo, afetivo, e social dos sujeitos. Dessa forma, os fatores como a inclusão e integração são vistos, como meio de romper paradigmas que comprometem uma educação de qualidade acessível a todos.

Nesse sentido, a escola é considerada e deve se constituir em um lugar agradável e imprescindível para sociedade, cuja contribuição é fundamental para ampliar as perspectivas e oportunidades de ascensão social dos alunos, tendo como base o processo de ensino/aprendizagem correspondente à especificidade da EJA, e especialmente, fomentando, provocando e dando espaço para emergirem as necessidades e os projetos de vida.

Para tanto, se apontou a necessidade de professores comprometidos e, paralelamente a valorização dos mesmos, por meio de políticas públicas educacionais que estejam voltadas para as

dificuldades emergentes da educação: falta de recursos materiais e financeiros e a carência referente à formação continuada dos professores. Considero que essas problemáticas estão arraigadas ao processo histórico que constituiu a EJA, refletindo-se nos dias atuais, sendo urgente a necessidade de repensar esta modalidade em uma perspectiva particular, considerando as características da modalidade e da dimensão dos estudantes.

Concordo que a forma como o letramento é comumente ensinado nas escolas prejudica a relação dos alfabetizandos com a mesma, mas acredito que, como educadores, se reconhecermos sua importância para a nossa vida, se identificarmos as formas como ela aparece em nosso dia-a-dia, se transformarmos conteúdos do currículo escolar num conteúdo prazeroso e composto por significados, a relação de nossos educandos com essa disciplina pode ser desmistificada.

Portanto, acredito que é necessário que nós, educadores, pensemos em alternativas para alfabetizarmos letrando os jovens e adultos, mas em alternativas baseadas do contexto da EJA, para que o ensino deixe de ser infantilizado e para que faça sentido aos sujeitos da EJA, porque essas alternativas deverão sempre buscar o significado dos conteúdos.

A experiência que tive ao longo desses meses de pesquisa foi ímpar para a minha formação profissional e pessoal, visto que pude aprender coisas que jamais aprendemos durante cinco anos sentada na carteira da universidade, pois foi apenas após a inserção na realidade que vimos o quanto esses sujeitos da EJA são ansiosos pelo aprender, dão valor ao que lhes ensinamos e à pessoa do educador, o quanto são pessoas que brigam por seus direitos e exigem uma educação de qualidade. Além disso, pude acompanhar e viver na prática a forma como eles se expressam e o quanto essas expressões são peças valiosas para um aprendizado enriquecedor, quando o educador se vale das mesmas. Vi o quanto são esforçados, realizavam as tarefas propostas com afinco e interesse, sabendo que será importante para suas vidas.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

No decorrer dos anos, na Faculdade de Educação, percebi que não caí de “paraquedas” no curso de Pedagogia; vi que tenho vocação para seguir a carreira. Durante o curso, tive disciplinas que eram muito teóricas, me desmotivaram mas, ao mesmo tempo, houve disciplinas e professores que trabalhavam teoria e prática, nas quais crescia o interesse e motivação para continuar os estudos. As disciplinas que me motivaram foram: Língua Materna, Ensino de Geografia, Educação Matemática 1, Literatura e Educação, Oficina de Textos Acadêmicos e Avaliação das Organizações Educativas.

O interesse pela educação sempre esteve presente em minha vida. Desde a infância, brincava de “escolinha” não sendo, apenas, professora, mas, também, gestora.

Ao concluir meu curso, pretendo assumir o concurso no qual passei para professor temporário da Secretaria de Educação do Distrito Federal e, futuramente, prestar outro para professor efetivo, sendo meu objetivo maior.

Ao falar em objetivos, em 2014 pretendo entrar para o curso de especialização em Psicopedagogia (oferecida pelo Instituto de Psicologia) e, daqui a alguns anos, voltar à Faculdade de Educação para fazer mestrado na área de letramento. Na verdade, pretendo fazer em várias áreas, pois quero de alguma forma, ajudar na melhoria e na qualidade da educação brasileira. Após o mestrado, quero fazer Doutorado seguindo as linhas de pesquisa que mais identificar (para aprofundar), seja na Educação de Jovens e Adultos, seja na Linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Da fala para a escrita 1**. 1ª ed. Brasília: Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Secretaria de Educação Básica – MEC/SEB, 2007.

_____. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: 2013

_____. Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade - SECAD. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

_____. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96: promulgada em 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996

CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda; MACEDO, Alessandra Aspasia Dantas de. **Psicogênese da língua escrita: as contribuições de Emilia Ferreiro à alfabetização de pessoas jovens e adultas**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt18/t181.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

CAVALCANTE, Moema. **Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura: Educação de Jovens e Adultos – como fazer?** In LEHENBAUER, Silvana; SCHEIBEL, Maria Fani (orgs.). **EJA: pertinências e perspectivas**. Curitiba: CRV, 2011, p. 63-84.

COSTA, Sérgio Roberto. **Interação, Alfabetização e Letramento: uma proposta de/para alfabetizar, letramento**. In MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (orgs.). **LETRAMENTO: Significados e Tendências**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2004, p. 13-49.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos**. Leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Tema Ferraz (orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos: em uma perspectiva de letramento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 27-58.

GIANSANTI, Roberto. **X Seminário de Educação de Jovens e Adultos:** Em defesa dos direitos educativos de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog01_02.pdf> Acesso em: 17 de junho de 2013.

INEP. **Mapa do analfabetismo no Brasil.** Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2013.

LINS, Arthur Ferreira da Costa. **A retenção de alunos da Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do Distrito Federal.** Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13138/1/2013_ArthurFerreiraCostaLins.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2013.

MELLO, Maria Cristina de e RIBEIRO, Amélia Escottodo Amaral (org.). **Letramento:** significados e tendências. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

MORAIS, Arthur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento:** O que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? *In* ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Tema Ferraz (orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos:** em uma perspectiva de letramento. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 59-76.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf> Acesso em: 23 de maio de 2013.

PAULA, Laurení Santos de e RAGGI, Desiree Gonçalves. **A Gestão Democrática como via de valorização da EJA:** Uma análise da realidade de duas escolas da rede estadual de ensino no município de Cachoeiro de Itapemirim. Disponível em: <ftp://ftp.cefetes.br/cursos/PosGraduacao/PROEJA-EaD/Alunos%20Proeja/Laurení%20Santos%20de%20Paula_ok.pdf> Acesso em: 17 de junho de 2013.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Educação para jovens e adultos:** ensino fundamental: proposta curricular: 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

SANTAMARIA, Viviane Laure; LEITÃO, Patrícia Barros e ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. **A consciência fonológica no processo de alfabetização.** The phonological awareness on the process of literacy. Disponível em: <<http://www.cefac.br/revista/revista63/Artigo%201.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2013.

SOARES, Leôncio (org.). **Educação de jovens e adultos:** o que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Estudos em EJA, 11).

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUSA, Maria Alice Fernandes de. **A Alfabetização e o Letramento de Jovens, Adultos e Idosos Sob a Ótica da Sociolinguística Educacional**. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5274>> Acesso em: 17 de Junho de 2013.

STEYER, Vivian Edite. **É Possível Replicar os Conhecimentos Construídos Sobre a Alfabetização de Crianças para a Alfabetização nas Classes de EJA?** In LEHENBAUER, Silvana; SCHEIBEL, Maria Fani (orgs.). **EJA: pertinências e perspectivas**. Curitiba: CRV, 2011, p. 51-61.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v.15)

ANEXOS

ANEXO A – Texto utilizado para trabalhar a interpretação

PLANETA ÁGUA

GUILHERME ARANTES

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população

Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão
E depois dormem tranqüilas
No leito dos lagos, no leito dos lagos

Águas dos igarapés, onde lara "mãe d'água"
É misteriosa canção
Água que o sol evapora, pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão

Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes são lágrimas na inundação

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra, pro fundo da terra

Terra, planeta água
Terra, planeta água
Terra, planeta água

ANEXO B – Atividade utilizada para trabalhar interpretação de texto**Ciranda da Bailarina****Chico Buarque**

Procurando bem
Todo mundo tem pereba
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, tem lombriga, tem ameoba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira
Verruga nem frieira
Nem falta de maneira
Ela não tem

Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem

Não livra ninguém
Todo mundo tem remela
Quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina
Ou tem febre amarela
Só a bailarina que não tem
Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem
Quem não tem

Confessando bem
Todo mundo faz pecado
Logo assim que a missa termina
Todo mundo tem um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem
Sujo atrás da orelha
Bigode de groselha
Calcinha um pouco velha
Ela não tem

O padre também
Pode até ficar vermelho
Se o vento levanta a batina
Reparando bem, todo mundo tem pentelho*
Só a bailarina que não tem
Sala sem mobília
Goteira na vasilha
Problema na família
Quem não tem

Procurando bem
Todo mundo tem...

Exercícios

1- Qual é o título (nome) do poema?

2- Quem é a personagem principal do poema?

3- Você acha que a bailarina é como no poema? Justifique sua resposta.

4- Circule no poema as palavras que tenham encontro vocálico e copie-os no caderno.

5- separe as sílabas:

a) Bailarina:

b)Goteira:

c)Pouco:

d)Maneira:

e)Cheiro:

f)Primeiro:

ANEXO C – Textos utilizados para trabalhar compreensão leitora e oralidade

Desmatamento/ Degradação Florestal



Na Amazônia, a devastação se intensificou na década de 1970, quando o governo estimulou a ocupação da Região Norte, incentivando a população de outras localidades a desbravar a floresta. Assim, estradas foram abertas para facilitar o acesso. Adriana Ramos, coordenadora do Instituto Socioambiental, afirma que 75% da degradação ambiental ocorreu numa faixa de 100 quilômetros de largura ao longo das rodovias.

Já o cerrado tem na cultura de soja a principal causa de seu desaparecimento. A organização não-governamental Conservação Internacional estima que o Brasil pode perder essa formação vegetal até 2030 se o modelo de desenvolvimento do país for mantido. Mato Grosso concentra a maior área plantada. "A falta da mata original e o uso de agrotóxicos agridem os afluentes do Rio Amazonas que nascem ali, afetando a quantidade e a qualidade das águas", avisa o biólogo Mário Barroso, gerente da entidade.

A Mata Atlântica, por sua vez, foi deteriorada pelos procedimentos usados na extração do ouro no início da colonização e, posteriormente, substituída por plantações de cana-de-açúcar e de café. Hoje a preocupação é a expansão urbana, especialmente na costa do Sudeste. Sem fiscalização, as áreas são preenchidas por propriedades irregulares, o que causa excesso de lixo, poluição dos mananciais, falta de água e exclusão social.

Nova Escola-23/08/2012

Poluição de rios



A baixa qualidade da água nos rios é um dos principais problemas enfrentados pelas populações das grandes cidades brasileiras. Mas não é só: a poluição afeta a biodiversidade e compromete uma série de serviços ambientais prestados pelos ecossistemas.

É mais do que urgente, aliás, abrir os olhos para os impactos. Isso porque, dos 43 corpos d'água monitorados, 70% se enquadram no nível regular, 25% no ruim e 5% no péssimo. Ou seja, absolutamente nenhum chegou perto de índices de pureza considerados satisfatórios. Com 34 pontos, o Rio Doce (em Linhares, Espírito Santo) e a Lagoa Maracajá (Lagoa dos Gatos, Pernambuco) lideram o ranking. Já o Rio Verruga (Vitória da Conquista, Bahia) e o Lago do Quinta da Boa Vista (Rio de Janeiro, RJ), com 19 e 17 pontos, respectivamente, amargam as últimas colocações.

DF	Brasília	Lago Paranoá	33 pts. - Regular
----	----------	--------------	-------------------

Grupo Boticário-13 de janeiro de 2011

Poluição do Ar no Distrito Federal



A Rodoviária do Plano Piloto é o local que atualmente registra a segunda pior taxa da capital: fumaça incomoda passageiros

A qualidade do ar do Distrito Federal está ruim e pode piorar com a seca. As cinco estações que medem os níveis de poluentes do ar indicam que alguns pontos da capital alcançam níveis inadequados para o bem-estar

da população. Em uma escala de cinco classificações — boa, regular, inadequada, ruim e péssima —, pelo menos três locais encontram-se em limites preocupantes. Quem mora ou precisa passar pela Fercal, pela Rodoviária do Plano Piloto e pelo centro de Taguatinga respira um ar classificado como ruim ou regular. Fora dos parâmetros mínimos, a exposição contínua a fumaça, poeira, e partículas poluentes dessas áreas podem provocar desde problemas como tosse, irritação nos olhos, até complicações respiratórias e cardíacas.

Correio Brasiliense-22/05/2012

Deslizamentos



Cerca de 900 moradores da Rocinha, na zona sul do Rio, deixaram suas casas e foram levados para abrigos por causa do risco de deslizamento de terra na comunidade. De acordo com o Centro de Operações da Prefeitura, o sistema de alarme foi acionado na região por volta das 14h15.

O motivo para o alerta preventivo é o excesso de chuva. De acordo com a prefeitura, nos últimos quatro dias o índice pluviométrico acumulado é de 200 mm. Esse índice é mais do que o dobro esperado para o mês de junho na região da Rocinha.

Cerca de 130 agentes comunitários orientaram os moradores que vivem em área de risco no deslocamento para pontos de apoio (igrejas, escolas e outros prédios públicos) na Rocinha. Antes de as sirenes serem acionadas, os líderes da comunidade avisaram alguns moradores sobre a evacuação, após alerta recebido por mensagem de texto.

Esta foi a segunda vez que o sistema de sirenes, instalados em 102 comunidades, foi acionado neste ano. A Defesa Civil ainda avalia quando os moradores poderão voltar para suas casas.

Estadão.com.br-09 de junho de 2012

Coleta Seletiva – Lixo



Dos mais de 5.500 municípios brasileiros, apenas 766 realizam coleta seletiva de lixo. A conclusão é da pesquisa Ciclossoft 2012, desenvolvida pelo Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), apresentada hoje no seminário "Política Nacional de Resíduos Sólidos - A Lei na Prática", promovido pelo Valor, no Rio de Janeiro.

O levantamento considera que o município realiza coleta seletiva quando pelo menos 10% da população faz a seleção do lixo e existe um trabalho de reciclagem, porta a porta ou por cooperativa. Também é necessário que exista uma pessoa na prefeitura que responda pelo programa de reciclagem e que a ação tenha continuidade.

Apesar do baixo índice em relação ao total do país, o diretor-executivo do Cempre, André Vilhena, destacou o crescimento do número de municípios que fazem coleta seletiva, após a publicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, em 2010. Naquele ano, apenas 443 municípios faziam coleta seletiva.

O crescimento nos últimos dois anos é maior do que na comparação entre 2010 e 2008, quando 405 municípios foram identificados como promotores de ações de coleta seletiva. "Tivemos um salto no envolvimento das prefeituras nas regiões Sudeste e Sul. Isso mostra que a lei começa a pegar na prática", disse Vilhena.

O envolvimento das prefeituras e das empresas com a reciclagem do lixo foi destacada pelo secretário de recursos hídricos e ambiente urbano do Ministério do Meio Ambiente, Pedro Wilson. "Estamos percebendo um humor positivo da população em relação às políticas de resíduos sólidos", disse. Segundo ele, as pessoas acreditam que seja importante o compromisso empresarial com o desenvolvimento sustentável.

UOL Notícias-31 de agosto de 2012

Papel

Recicláveis	Não Recicláveis
Folhas e aparas de papel	Adesivos
Jornais	Etiquetas
Revistas	Fita Crepe
Caixas	Papel carbono
Papelão	Fotografias
Formulários de computador	Papel toalha
Cartolinas	Papel higiênico
Cartões	Papéis engordurados
Envelopes	Metalizados
Rascunhos escritos	Parafinados
Fotocópias	Plastificados
Folhetos	Papel de fax
Impressos em geral	
Tetra Pak	

*Cuidados especiais:
Devem estar secos, limpos (sem gordura, restos de comida, graxa), de preferência não amassados. As caixas de papelão devem estar desmontadas por uma questão de otimização do espaço no armazenamento.*

Metal

Recicláveis	Não recicláveis
Latas de alumínio	Clipes
Latas de aço: óleo, sardinha, molho de tomate.	Grampos
Ferragens	Espanja de aço
Canos	Latas de tinta ou veneno
Esquadrias	Latas de combustível
Arame	Pilhas
	Baterias
<p><i>Cuidados especiais: Devem estar limpos e, se possível, reduzidos a um menor volume (amassados)</i></p>	

Plástico

Recicláveis	Não recicláveis
Tampas	Cabo de panela
Potes de alimentos	Tomadas
PET	Adesivos
Garrafas de água mineral	Espuma
Recipientes de Limpeza	Teclados de computador
Higiene	Acrílicos

<p>PVC</p> <p>Sacos plásticos</p> <p>Brinquedos</p> <p>Baldes</p>	<p>Possivelmente recicláveis</p> <p>Porém, não se sabe se atualmente a cidade de São Paulo possui a infraestrutura para suportar a reciclagem em algumas localidades.</p>
<p><i>Cuidados especiais:</i></p> <p><i>Potes e frascos limpos e sem resíduos para evitar animais transmissores de doenças próximo ao local de armazenamento .</i></p>	

Vidro

<p>Recicláveis</p> <p>Potes de vidro</p> <p>Copos</p> <p>Garrafas</p> <p>Embalagens de molho</p> <p>Frascos de vidro</p>	<p>Não recicláveis</p> <p>Planos</p> <p>Espelhos</p> <p>Lâmpadas</p> <p>Cerâmicas</p> <p>Porcelanas</p> <p>Cristal</p> <p>Ampolas de medicamentos</p>
<p><i>Cuidados especiais:</i></p> <p><i>Devem estar limpos e sem resíduos. Podem estar inteiros ou quebrados. Se quebrados devem ser embalados em papel grosso (jornal ou craft).</i></p>	

ANEXO D – Textos utilizados para trabalhar a compreensão leitora e a oralidade

Bicicletando

Numa tarde ensolarada, João e sua mãe saíram a passeio pelas alamedas da vizinhança em direção à praça. João se divertia pedalando a nova bicicleta que ganhara de Natal, enquanto sua mãe admirava-o com orgulho.

Lá chegando, a mãe acomodou-se em seu banco predileto enquanto João circulava animadamente ao redor da praça. Por alguns instantes a mãe não o enxergava, oculto pelas grandes árvores, mas ficava sossegada, pois conhecia a habilidade de João.

Cada vez que passava pelo banco da mãe, João acenava e ela olhava-o envaidecida.

Depois de passar várias vezes pela mãe, o menino resolveu demonstrar aquilo que tinha aprendido.

- Olhe, mamãe, estou dirigindo a bicicleta sem uma das mãos!

- Muito bem!

Alguns minutos depois, o filho volta dizendo:

- Mamãe, sem as duas mãos!

E a mãe apreensiva, lhe diz:

- Cuidado, querido, não a deixe embalar na descida.

Mais alguns minutos e ela se vira à direita para vê-lo, vindo em sua direção. Agora, equilibrando-se sobre a bicicleta:

- Veja, mãe, sem um pé!

E na volta seguinte:

- Mãããeee, sem os dentes!!

Pobre Joãozinho...

A Minhoquinha Dorminhoca

A minhoquinha Larissa morava num belo jardim, cheio de flores.

Sua casa ficava no pé da roseira azul, e era muito arrumadinha.

No inverno fez tanto frio, mas tanto frio, que a minhoquinha fechou as portas e as janelas da casa e foi pra caminha.

Cobriu-se com todos os cobertores que tinha e ficou tão quentinha, mas tão quentinha, que acabou dormindo o inverno inteiro.

Foi-se o inverno e veio a primavera. As flores do jardim se abriram para o sol e a vida ficou mais feliz. As abelhas vieram colher o pólen das flores. As formigas saíram do formigueiro para pegar folhas verdinhas. Os passarinhos cantavam nas árvores e faziam seus ninhos.

Foi quando Titi, o beija-flor, sentiu falta da minhoquinha.

- Onde está a Larissa? – perguntou ele.

Mas ninguém tinha visto ainda a minhoquinha nessa primavera.

Titi foi até a casa dela e viu portas e janelas fechadas.

Então Titi teve uma idéia: fazer uma serenata para acordar a minhoquinha.

Combinou tudo com os amigos do jardim. O grilo trouxe o violino. A borboleta trouxe a trombeta. O castor trouxe o tambor. E o beija-flor cantou uma linda música.

A minhoquinha acordou, se espreguiçou, saiu da cama e foi ver o que era aquilo. Quando abriu a janela o sol entrou em sua casa e ela pode ouvir a linda cantoria da primavera.

Autor: Emílio Carlos

O CADERNO

Sou eu que vou seguir você
do primeiro rabisco até o bê-a-bá
em todos os desenhos coloridos vou estar
a casa, a montanha, duas nuvens no céu

e um sol a sorrir no papel

Sou eu que vou ser seu colega,
seus problemas ajudar a resolver
te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver
Serei de você confidente fiel,
se seu pranto molhar meu papel.

Sou eu que vou ser seu amigo,
Vou lhe dar abrigo, se você quiser
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel.

O que está escrito em mim comigo
Ficará guardado, se lhe dá prazer
A vida segue sempre, o que se há de fazer
Só peço a você um favor, se puder
Não me esqueça num canto qualquer.

Fantasma chateados

Ela entrou. Subiu as escadas, curiosa para saber de onde vinha aquele gemido. Camila ficou gelada quando ouviu “UUUUUUU”, que saía do velho quarto. Olhando lá dentro, não acreditou: dois fantasmas conversavam, queixando-se assim: “UUUUUUU”.

Eles não viram Camila e, muito tristes, contavam caso:

- Que solidão!. Como é chato ser fantasma. Ninguém liga mais, ninguém toma susto ...

- É mesmo! Fantasma é coisa de antigamente. Que falta de respeito!

Camila, sem fôlego, ouvia aquele papo fantasmagórico:

- O terror virou moda. O pessoal adora filmes de espanto!

- Pois é! Usam esses penteados punks, pinturas na cara, roupas dark e ouvem rock---horror! Até novela de vampiro já fizeram! Assim não temos mais chance!

- Ontem fui assombrar a vizinha e levei a maior bronca: “Luizinho, não suje o lençol!”

- Pô meu, e eu, lá no escuro do cinema, querendo pregar susto. Pensaram que eu fosse anuncio de filme de ficção!

- UUUUUUUUU!! Que humilhação! Vamos para o cemitério curtir as mágoas numa cova funda.

Camila desceu a escada. Foi para casa de cabelo em pé. Não conseguiu dormir. Que medão! Mas também que pena! Até assombração merecia ser feliz. De repente teve uma idéia. O parque de diversões ficava tão perto do casarão ... e então ...

Na outra noite, Camila voltou e gritou bem alto:

- Seu fantasma bobão! Cara de melão! Não me pega não!

Lá de cima veio um “UUUUUUU” muito ofendido. A menininha correu em direção ao parque. Atrás dela vinham os fantasmas.

- Para menina atrevida! Vou lhe dar um sermão sobrenatural! Um pito paranormal!

Camila entrou voando no parque e os fantasmas vieram atrás. Ela saiu pela frente, mas eles não. Foi por ali mesmo que quiseram ficar. A menina havia levado seus “amigos solitários” para a Casa do Terror do parquinho. Num lugar cheio de pessoas que

se divertiam com sustos, podiam esbanjar seus dons fantasmagóricos. As pessoas riam com os sustos de brincadeira e Camila pensava:

- Se eles soubessem que aqui tem fantasmas de verdade

Rogério Borges.

Quem tem medo de aranha?

A maior parte das pessoas tem pavor de aranhas. Mas não é uma aranha magrinha. Em geral , só temos medo daquelas aranhas enormes e bem peludas. Sorte das pequenas e azar nosso. Muito usadas nos filmes de terror , as aranhas peludas , como a caranguejeira ,e o escorpião ganharam fama de maus. Pois saiba que as aranhas mais venenosas e cuja picada pode trazer problemas para você são as pequenas. E o escorpião, ao contrário do que se divulga, só ataca quando é machucado__ um pisão , por exemplo.

A caranguejeira não possui um veneno potente , capaz de fazer mal ao ser humano. O escorpião possui veneno mais tóxico que o da aranha. Sua picada causa muita dor e inchaço. O soro contra a picada do escorpião é o antiescorpiônico ou antiaracnídeo.

Revista Zá

PORQUE O GALO CANTA AO AMANHECER?

O galo é um verdadeiro despertador. Ao nascer do dia , ele canta bem alto para avisar ao galinheiro que continua vivo e no comando. O cocoricó tem a função de assustar qualquer desafiante. É o jeito que ele encontrou para controlar seu território. Geralmente, o galinheiro tem um único galo , pois só um sobreviveria à disputa pela liderança.

Marcelo Duarte

DE PECINHA EM PECINHA

Para criar mosaicos os artistas costumam fazer um desenho em papel. Depois, passam a figura para a superfície onde vão colar as pecinhas que definirão o trabalho. Elas podem ser grudadas com cola , cimento , gesso ou outro material qualquer.

Para conseguir essas peças , eles vão cortando vidro ou cerâmica com ferramentas apropriadas , que lembram um alicate. É possível usar pedacinhos

quadrados , retangulares , triangulares e até redondos, dependendo do efeito que o artista quer dar ao seu trabalho.

Revista Recreio

O Chinês e o Ladrão

Eu li, não sei onde, a história de um velho chinês.

No dia de seu aniversário, convidou seus parentes e amigos para uma festa.

Terminada a festa, como vivia sozinho, começou a arrumar a sala.

Quando estava guardando a comida e a bebida, viu uma sombra de uma cabeça refletida no soalho. Olhou para cima e viu um homem escondido entre as vigas do telhado. Sem perder a calma, falou:

- Mil perdões por tirar a mesa enquanto um convidado ainda está na sala. Desça e sirva-se, por favor.

O homem desceu e comeu o quanto quis, servido pelo chinês com toda a delicadeza.

Confuso com tanta amabilidade, o ladrão falou em se retirar. O velho chinês o interrompeu:

- Não tenha pressa. Antes de ir embora, o amigo vai me dar a honra de aceitar um presente. Toma e abra.

E deu-lhe um de seus presentes, uma caixa embrulhada em papel de seda.

Com as mãos tremendo, o homem desembulhou e viu uma linda túnica azul, bordada com fiós dourados.

Foi o suficiente para comover o gatuno. Arrependido, ajoelhou-se e pediu perdão.

D'Olim Morate

ANEXO E – Texto utilizado para trabalhar Masculino e Feminino

Copie em seu caderno a história “O Rei Leão” substituindo os masculinos sublinhados por seus pares femininos:

O Rei Leão

O Rei Leão convidou os bichos da mata para uma reunião.

O Galo, o Bode e o Pato vieram cantando cocorocó, me-mé-mé e quá-quá-quá.

Logo atrás, chegaram o compadre Leitão e o Sapo.

Bem tranquilo, o Boi conversava com o Coelho.

Deixando uma enorme poeira atrás dele, galopando, chegou o Cavalo, com o Macaco encarpitado em seu lombo.

O Leão disse que sem todos os bichos a reunião não poderia começar. Por que será?

A curiosidade aumentou. Quando o Gato chegou acompanhado de seu padrinho, o Cachorro, a surpresa aconteceu.

Eles iam cantar “Parabéns para você”.

Era o aniversário do Porquinho Leleco.

A mata se encheu de sons: mu-mu, cocorocó, au-au, miau-miau.

Não faltaram os guinchos do Ratinho.

A mata se encheu de música.

Que alegria!

A Rainha leoa



☺ A Rainha leoa convidou as leões da mata Para uma Reunião.

A galinha a cabra e a Pala vieram
 🍷 lamentando

Colorido, me me me e quá quá quá
 logo atrás chegaram a leoa e
 a Sapa.

🎵 Bem tranquilha, a leoa ^{quela} ^{leoa} ^{conversou} com a colcha.

🌟 Dando uma ^{surpresa} enorme Paira atrás dela,
 galopando, chegou o ~~leão~~ ^{leão} quá, com a macaca
 encaramitada em seu lombo.

☺ A leoa disse que sem todos os leões a
 Reunião não poderia começar. Por que será?

A curiosidade aumentou quando a gata
 🍷 chegou acompanhada de sua madrinha
 cadela, a surpresa ~~de~~ aconteceu.

elas iam cantar "Parabéns Para Você".

🎵 Era o aniversário da Pequena Leão.

A mata se encheu de Sons: me me
 cacorico au au ~~meau~~ ^{meau} - miau

🌟 não faltaram as quinchas da Rainha
 a mata se encheu de música.

☺ qui ~~de~~ alegria!

mauricha



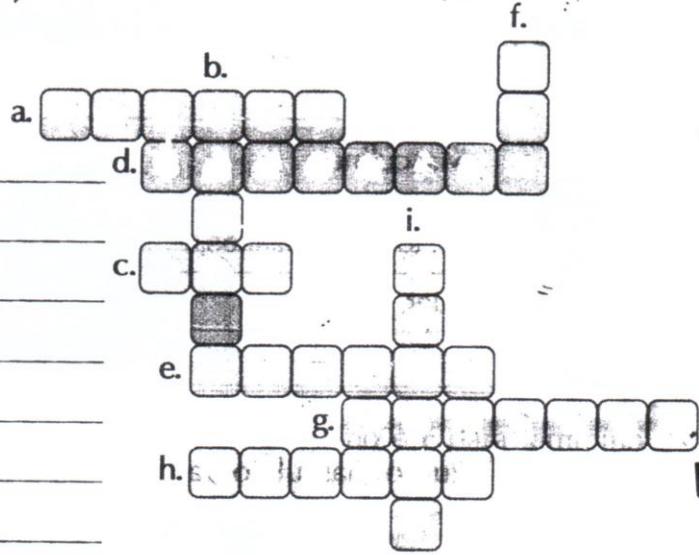
ANEXO F – Atividade infantilizada

3. Preencha com F para substantivos femininos e M para substantivos masculinos:

- | | | |
|--|-------------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> a lagoa | <input type="checkbox"/> as rainhas | <input type="checkbox"/> o barão |
| <input type="checkbox"/> um cadarço | <input type="checkbox"/> o irmão | <input type="checkbox"/> uma juíza |
| <input type="checkbox"/> umas mulheres | <input type="checkbox"/> uns navios | <input type="checkbox"/> umas |
| <input type="checkbox"/> a vaca | <input type="checkbox"/> a rua | <input type="checkbox"/> a caneta |
| <input type="checkbox"/> um pavão | <input type="checkbox"/> os machos | <input type="checkbox"/> um esposo |

4. Leia as palavras, passe para o masculino e preencha a cruzadinha:

- a. Abelha - _____
- b. Galinha - _____
- c. Vaca - _____
- d. Ovelha - _____
- e. Jabota - _____
- f. Cadela - _____
- g. Freguesa - _____
- h. Leitoa - _____
- i. Patroa - _____



5. Classifique os substantivos em masculinos ou femininos separando-os no quadro abaixo:





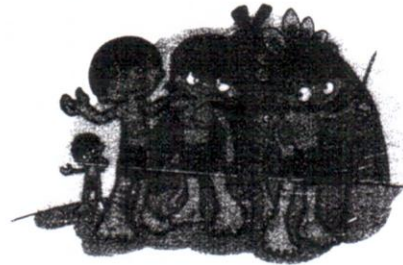
7. Complete de acordo com o desenho:



a. Um _____ voa, um _____ voa.



b. Uma _____ protesta, uma _____ protesta.



c. Um _____ dança, uma _____ dança.



d. Uma _____ põe um _____ a perder.



e. Uma _____ brilha no céu, uma _____ brilha no céu.

ANEXO G – Atividade na perspectiva do letramento trabalhando com situações do dia a dia.

NOME: _____

LISTA DE COMPRAS


ARROZ
FEIJÃO
MACARRÃO
ÓLEO
MOLHO DE TOMATE
MANTEIGA
AÇÚCAR
SAL
BISCOITO
LEITE
SABÃO EM PÓ
DETERGENTE
SABONETE
PASTA DE DENTE
SACO DE LIXO

1- QUAIS DESSES PRODUTOS VOCÊ COMPRA NO MERCADO?

2- ESCREVA O NOME DOS PRODUTOS DE LIMPEZA:

3 – QUAIS DESTES PRODUTOS DA LISTA PRECISAM SER COLOCADOS NA GELADEIRA?

ANEXO H – Texto Cartilhesco

 Lá vai o Cássio
 no passa-passa:
 passa a salada,
 passa o saleiro,
 passa a massa,
 passa o pêssego.
 Coitado do Cássio!
 Não tem sossego.
 (As autoras)

ANEXO I – Texto Infantilizado

O caracol

O caracol é muito lento
 Anda muito devagar
 Eu não tenho tanto tempo
 Pra esperar ele passar
 Como um sujeito
 Pode ser tão vagaroso
 Que lentidão impressionante!
 – Só podia ser um caracol
 Vou voltar pra casa
 Que eu não tiro do lugar
 E amanhã eu volto
 Pra ver ele passar

Assembléia das Palavras.
 Marciano Vasques Pereira.
 São Paulo, AM Edições, 1997.

ANEXO J - Produção textual

3 / 10 / 2012

Hoje quero te dizer Fabiana que
quando eu te conheci não tinha
muito que dizer para você e
agora eu tem intimidade de
te chamar de minha colega
Essa te acho muito legal.
Que você continue sendo
essa pessoa legal que você é
que Deus realize todos ~~seus~~
seus sonhos não quero
mudar esse jeito seu com
certeza seus pais tem
muito orgulho de você
porque em pouco tempo
que te conheço eu já aprendi
gosta muito de você.
Não sei como ~~seja~~ ^{seja} para você
mas com certeza você vai se
uma grande professora.

de sua aluna Airlide